

Muito além dos 60? Impacto de uma pandemia na dinâmica de crescimento da população idosa

Well beyond the 60s? The impact of a pandemic on the growth of the older population

Ana Amélia Camarano^{a,b} 

^aInstituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

^bUniversidade Estadual do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Dados para correspondência

Ana Amélia Camarano – Avenida Presidente Vargas, 730 – CEP: 20071-900 – Rio de Janeiro (RJ), Brazil. E-mail: ana.camarano@ipea.gov.br

Recebido em: 08/10/2022

Aceito em: 28/10/2022

Editor Associado Responsável: Patrick Alexander Wachholz

Como citar este artigo: Camarano AA. Well beyond the 60s? The impact of a pandemic on the growth of the older population. *Geriatr Gerontol Aging*. 2022;16:e0220036. <https://doi.org/10.53886/gga.e0220036>

Resumo

Contrariando expectativas de que as primeiras décadas do século XXI seriam um tempo de expansão do tempo vivido, os anos 2020 apontam dúvidas com relação ao futuro da velhice. A população brasileira deverá crescer até 2030, quando se projeta que atingirá o seu máximo, com um total de aproximadamente 215 milhões de habitantes. Uma tendência de redução populacional já era documentada e estava em curso, mas a pandemia acelerou o seu movimento. Este artigo apresenta um conjunto de projeções para a população brasileira e idosa. Para a sua elaboração, utilizamos o método das componentes, cujas vantagens são: (a) projetar, isoladamente, o comportamento de cada uma das três variáveis demográficas — fecundidade, mortalidade e migrações — e (b) obter resultados desagregados por sexo e grupos de idade. Os dados de nascimentos para 2018, 2019 e 2020 apontam para uma diminuição deste total de 3,51% entre 2018 e 2019 e de 5,28% entre 2019 e 2020. Os dados preliminares de 2021, que apontam para uma continuação dessa tendência entre 2020 e 2021 demonstram redução de 2,32% no número de nascimentos. As hipóteses feitas para os padrões de mortalidade, se verificadas, apontam para uma expectativa de vida de 72,8 e 76,2 anos no final do período da projeção, o que resultaria em ganhos de 4,6 e 2,0 anos, para homens e mulheres, respectivamente. Apesar desses ganhos, os níveis obtidos em 2019, pré-pandemia, seriam alcançados pelos homens entre 2035 e 2040.

Palavras-chave: projeções populacionais; expectativa de vida; pandemia; mortalidade.

Abstract

Contrary to expectations that the first decades of the 21st century would experience an increase in lived time, the 2020s cast doubts on the future of old age. The Brazilian population is expected to increase until 2030, when it will reach its maximum, with a total of approximately 215 million inhabitants. A trend of population decline was already in progress and had already been documented, but the pandemic accelerated this process. This study describes a set of projections for the older Brazilian population. The projections were elaborated using the main components method, whose advantages are the possibility of separately projecting the behavior of the three demographic variables (fertility, mortality, and migrations) and obtaining results disaggregated by sex and age groups. Birth data for 2018, 2019, and 2020 suggest a 3.51 and 5.28% decrease in total births between 2018 and 2019 and 2019 and 2020, respectively. Preliminary data for 2021, which indicate the continuation of this trend between 2020–2021, show a 2.32% reduction in the number of births. The hypotheses raised for the mortality patterns, if proven to be accurate, suggest a life expectancy of 72.8 years for men and 76.2 years for women at the final period of the projection, resulting in gains of 4.6 and 2.0 years, respectively. Despite these gains, the levels obtained in 2019, pre-pandemic, would be reached by the male population only between 2035 and 2040.

Keywords: population forecast; active life expectancy; pandemics; mortality.



Este artigo é publicado em Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Attribution, que permite o uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

As principais tendências da dinâmica demográfica brasileira que irão predominar até a metade deste século já são bastante conhecidas: envelhecimento da população total, da população idosa e da população em idade de trabalhar, além de redução da população total e daquela em idade de trabalhar. No âmbito da família, haverá proliferação das famílias de filho único, novos arranjos familiares e participação maciça das mulheres nas atividades econômicas. Essas tendências têm grande impacto nas demandas por políticas públicas, gerais e setoriais, bem como na oferta de força de trabalho, produtividade etc.¹

Embora as macrotendências já estejam dadas, a intensidade e o *timing* dos processos são afetados por eventos externos, por exemplo, a pandemia da COVID-19. Isto requer uma atualização constante das projeções populacionais para o ajuste das políticas públicas.

Este artigo apresenta um conjunto de projeções para a população brasileira e idosa. Para a sua elaboração, utilizamos o método das componentes, cujas vantagens são: (a) projetar, isoladamente, o comportamento de cada uma das três variáveis demográficas — fecundidade, mortalidade e migrações — e (b) obter resultados desagregados por sexo e grupos de idade. O adiamento do Censo Demográfico de 2020 tornou essa tarefa mais difícil, pois foi necessário utilizar como base o Censo Demográfico de 2010. O período compreendido nas projeções é o que se estende de 2020 a 2040. Os resultados obtidos dizem respeito aos anos de 2020, 2025, 2030, 2035 e 2040 e à população desagregada por grupos quinquenais de idade.

Os dados utilizados são provenientes dos Censos Demográficos de 1980 e 2010, realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Foram consideradas, também, as informações do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS) do Ministério da Saúde, e do Registro Civil (sistema pelo qual o governo brasileiro registra os eventos vitais — nascimentos, casamentos e óbitos — de seus cidadãos e residentes, disponível em <https://registrocivil.org.br/>). Nesse caso, os dados de mortalidade disponibilizados para 2021 são preliminares.

METODOLOGIA

O trabalho consistiu na elaboração de um cenário de crescimento da população brasileira e idosa entre 2020 e 2040, buscando captar o efeito do excesso da mortalidade provocado pela COVID-19. A elaboração desse cenário necessitou administrar a escassez de dados: o adiamento do Censo

Demográfico de 2020 e o atraso na divulgação de informações sobre nascimentos e mortes.

Portanto, a população aqui utilizada resultou de uma projeção baseada na população de 2010,¹ ajustada pela mortalidade por COVID-19. O método usado é o das componentes principais, que considera o comportamento da mortalidade e da natalidade desagregadamente, baseado nas tendências passadas observadas para estas variáveis.² Como se está trabalhando com a população brasileira como um todo, considerou-se que as entradas e saídas de população se compensariam, ou seja, os saldos líquidos migratórios seriam nulos.

A hipótese assumida para a fecundidade foi a de um declínio monotônico ao longo do período. Considerou-se um decréscimo na Taxa de Fecundidade Total (TFT) durante esse tempo até atingir, em 2040, o valor de 1,3, que foi a taxa estimada para as mulheres com escolaridade média em 2012.² Assumiu-se também que a estrutura da fecundidade por idade tenderia para o padrão da fecundidade dessas mulheres. Para projetar a estrutura, utilizou-se o ajuste do Gompertz relacional.³

Para projetar a mortalidade, considerou-se que a sobre-mortalidade pela COVID-19 só ocorreria entre 2020 e 2023. Trabalhou-se com a hipótese de redução dessa sobre-mortalidade de forma progressiva a partir de 2021; 75% em 2022, 90% em 2023 e eliminada em 2024. A partir daí, assume-se que a mortalidade continuará caindo, como previsto na projeção de Camarano,² que se baseou na hipótese de que esta alcançaria, em 2050, os mesmos valores das probabilidades de morte obtidas por meio de uma tabela de sobrevivência calculada para 2010, eliminando um grupo de óbitos cujas causas foram consideradas evitáveis. Dada a sobre-mortalidade pela COVID-19, a meta de 2050 foi adiada para 2060. A metodologia utilizada foi a da tabela de sobrevivência.⁴ A aprovação ética foi dispensada por se tratar de um estudo com dados acessíveis ao público.

RESULTADOS

Os dados de nascimentos fornecidos pelo Registro Civil (<https://registrocivil.org.br/>) para 2018, 2019 e 2020, apresentados na Tabela 1, apontam para uma diminuição deste total de 3,51% entre 2018 e 2019 e de 5,28% entre 2019 e 2020. Os dados do Sistema de Informações de Nascimentos (SINASC), um sistema de informação sobre nascidos vivos concebido como objetivo de realizar o cadastramento das declarações de nascidos vivos e subsidiar o conhecimento da situação de saúde em relação aos nascimentos ocorridos no país, ilustrado na Tabela 1, exibem um comportamento bastante similar aos disponíveis pelo Registro Civil. Nesse

TABELA 1. Número de nascimentos, Brasil.

	2018	2019	2020	2021*
Registro civil	2 932 598	2 829 387	2 678 992	
SINASC	2 923 294	2 829 329	2 712 076	2 654 207

Fonte: Registro civil: IBGE; SINASC: MS/DATASUS/SINASC.

SINASC: Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos; *Para o ano de 2021, os dados são preliminares. Disponível em: <https://svs.aids.gov.br/daent/centrais-de-conteudos/painéis-de-monitoramento/natalidade/nascidos-vivos/>

TABELA 2. Esperança de vida ao nascer (e_0) e aos 60 anos (e_{60}) Brasil.

				Diferença	
	1980	2019	2021	2019 – 1980	2021 – 2019
Homens					
e ₀	59.3	72.8	68.2	13.4	-4.5
e ₆₀	15.4	21.8	17.6	6.5	-4.2
Mulheres					
e ₀	65.7	80.1	75.6	14.4	-4.5
e ₆₀	17.8	25.3	21.4	7.5	-3.8

Fonte: IBGE/Censo Demográfico de 1980; PNAD contínua de 2019; Ministério da Saúde (SIM). Elaboração da autora.

caso, já foram divulgados os dados preliminares de 2021, que indicam uma continuação dessa tendência entre 2021 e 2020; uma redução de 2,32% no número de nascimentos. Considerando 2021 e 2018, a redução foi de 9,18%. Com esses dados, estimou-se uma taxa de fecundidade total de 1,6 filho por mulher para 2020.

A pandemia da COVID-19 provocou, em quase todo o mundo, uma sobremortalidade e, consequentemente, redução na expectativa de vida ao nascer. Apresenta-se, na Tabela 2, os valores estimados para a expectativa de vida ao nascer e aos 60 anos em 1980, 2019 e 2021. Na população masculina, assim como na feminina, estima-se uma redução na expectativa de vida ao nascer (e_0) de 4,5 anos entre 2019 e 2021. A perda estimada para a população idosa é de 4,2 e 3,8 anos, para homens e mulheres, respectivamente. O diferencial entre homens e mulheres na expectativa de vida ao nascer passou para 7,4 anos, dado o maior aumento da mortalidade masculina. Também para a população idosa, os diferenciais de mortalidade entre os sexos foram altos, de 3,9 anos.

As hipóteses feitas para os padrões de mortalidade, se verificadas, apontam para uma expectativa de vida de 72,8 e 76,2 anos no final do período da projeção, o que resultaria em ganhos de 4,6 e 2,0 anos, para homens e mulheres,

respectivamente. Apesar disso, os níveis obtidos em 2019, pré-pandemia, seriam alcançados pelos homens entre 2035 e 2040, mas no caso das mulheres, continuariam abaixo. Para a população idosa, as tendências não são muito claras.

DISCUSSÃO

Como mostrado por Camarano¹, as taxas de fecundidade da população brasileira já se encontravam bem abaixo do nível de reposição em 2010, indicando uma redução da população total e da força de trabalho de, no máximo, 20 anos e um crescimento acentuado da população idosa.

Essa diminuição, que já estava em curso, parece ter se acentuado durante a pandemia, dado o adiamento das gravidezes provocado em parte pelo aumento da mortalidade materna. Durante o período crítico da pandemia, essas taxas de mortalidade experimentaram um aumento expressivo, o que afetou os nascimentos pelos óbitos maternos e/ou adiamento das gestações. Dados do Observatório Obstétrico⁵ demonstram aumento da mortalidade pela COVID-19 em gestantes e puérperas, e também para diversos desfechos adversos de saúde maternos, fetais e neonatais. Entre 2020 e 2021, observou-se um crescimento de 227% no número de gestantes e puérperas mortas pela COVID-19.⁵

Com o aumento da mortalidade pela COVID-19, esta passa a desempenhar um papel mais importante no crescimento populacional do que vinha acontecendo desde os anos 1970. Entre 1980 e 2019, a e_0 da população brasileira masculina aumentou 13,4 anos, e a feminina, 14,4 anos, o que significou incrementos médios anuais de 0,35 ano, ou cerca de quatro meses. Em 2019, a expectativa feminina foi superior em 7,3 anos à masculina. A expectativa de vida aos 60 anos (e_{60}) atingiu cerca de 21,8 anos para os homens idosos e 25,3 anos para as mulheres. No período 1980 e 2019, observaram-se incrementos de 6,5 e 7,5 anos para os homens idosos e as mulheres idosas, respectivamente.

Entre 2019 e 2021, o total de óbitos na população brasileira aumentou de 1 349 801 para 1 826 354, ou seja, um incremento de 476 553 óbitos, o que já está afetando o tempo vivido pelos brasileiros e o crescimento da população a curto e médio prazos. Tanto na população masculina como na feminina, estima-se uma redução na e_0 de 4,5 anos, entre 2019 e 2021, e da e_{60} de cerca de quatro anos. Além da velhice ter sido encurtada, assistiu-se, também, a uma mudança de paradigma em relação a esta população. De “melhor idade”, passou a ser vista como “grupo de risco”.

O aumento das taxas de mortalidade veio acompanhado por uma mudança no padrão de causas de morbidade e

mortalidade. Depois de a população brasileira ter passado por um processo de substituição progressiva das doenças infecciosas e parasitárias por doenças crônicas e degenerativas, como principais causas de mortalidade e morbidade, parece que se pode falar de uma volta ao primeiro perfil, pelo menos temporariamente. O aumento do número de óbitos ocorreu, principalmente, pelo acréscimo das doenças infectocontagiosas: 428 129 novos óbitos; um acréscimo de 8,6 vezes. Já o número de óbitos por parto, puerpério e gravidez aumentou 86,57% entre esses dois anos. Chama-se a atenção para outro aumento ocorrido no período, o de óbitos classificados como “Sintomas, sinais e achados anormais de exames clínicos e de laboratório não classificados em outra parte”. Foram cerca de 25 895 óbitos a mais entre os dois anos considerados, mais expressivo entre os homens. É possível que esses óbitos sejam decorrentes da COVID-19, cuja classificação como tal pode estar subestimada, dadas as dificuldades para diagnósticos mais assertivos sobre contaminações.

Os resultados mostram que a população brasileira deverá crescer até 2030, quando se projeta que atingirá o seu máximo, com um total de aproximadamente 215 milhões de habitantes, entre 2030 e 2035. Isto é resultado da continuidade da redução da taxa de crescimento da população total, que poderá alcançar valores próximos a -0,50% ao ano no final do período da projeção, valor este ainda inferior ao da taxa intrínseca de crescimento calculada para 2010, -0,60%, por Camarano.¹ Essa tendência de redução populacional já estava em curso e documentada, mas a pandemia acelerou o seu movimento. Os resultados sugerem que o volume populacional permanecerá estável entre 2020 e 2035, e em queda, após 2035.

Além de afetar o ritmo de crescimento populacional, as transformações demográficas em curso e as projetadas afetarão (e significativamente) a distribuição etária. Este efeito ocorre de forma defasada, atingindo primeiro os grupos etários mais jovens da população e se estendendo aos demais em um momento posterior. O envelhecimento populacional, já evidenciado no Brasil desde os anos 1980, deve se acelerar e apenas a população com idade superior a 45 anos poderá experimentar taxas positivas de crescimento a partir de 2030, a despeito da pandemia. Espera-se taxas negativas de crescimento para os demais grupos etários e um superenvelhecimento da população brasileira, o que já se verifica no Japão.

Apesar da pandemia, as projeções demonstram que a população de idosos deverá continuar a crescer nos próximos 20 anos, num ritmo mais acentuado que o restante da população. Os futuros idosos brasileiros já nasceram e fazem

parte desse grupo: os *baby boomers*, que estão se transformando nos *old boomers*. Não será apenas uma coorte numerosa, mas uma muito diferente qualitativamente das anteriores, principalmente as mulheres. A sua trajetória foi influenciada pela cultura do consumo e pela maior participação feminina no mercado de trabalho. Foi colocado para essa coorte a obrigação de envelhecer ativamente para não se tornar um peso para a sociedade e para a família. Essa visão contrapõe-se ao contrato intergeracional, que estabelece que os pais cuidem dos filhos quando crianças, e estas cuidem dos pais quando estiverem velhos.

Dentre a população idosa, observa-se um crescimento mais acentuado do segmento com 80 anos ou mais, tendo como consequência um aumento na proporção de pessoas que vão necessitar de ajuda para o desempenho das atividades básicas e instrumentais do cotidiano. Esse aumento já foi observado entre 2013 e 2019, independentemente das variações demográficas.² Pode refletir maior heterogeneidade da nova coorte de idosos e será reforçado pela dinâmica demográfica e, provavelmente, pelos efeitos das sequelas dos sobreviventes da COVID-19.

As implicações das tendências aqui apontadas vão além do crescimento da demanda por cuidados. O impacto nos benefícios previdenciários tem sido bastante documentado na literatura. Os serviços de saúde deverão também sofrer maior pressão, pois os grupos extremos (crianças e idosos) são os que exercem a maior demanda sobre o sistema. Além da pressão demográfica sobre os serviços de saúde, salienta-se possíveis sequelas deixadas pela COVID-19 nos sobreviventes. Outros setores também serão pressionados, como o da habitação, pois melhorias e adaptações adequadas nestas serão requeridas, além da segurança pública, educação, transportes, entre outros.

O aumento da sobrevida impacta o perfil epidemiológico: doenças crônico-degenerativas passam a ter uma importância relativa maior que as doenças infectocontagiosas. Mas a pandemia da COVID-19 trouxe de volta as doenças infectocontagiosas. Além disto, outros problemas antigos continuam pendentes e males aparentemente erradicados ressurgem, afetando outros grupos etários. Novos problemas ganharam destaque nos últimos anos, como o aumento generalizado da obesidade, a trajetória ascendente de doenças como o câncer de mama, de próstata e de pulmão. Tudo isto impacta a expectativa de vida e afeta a extensão da velhice.

CONCLUSÃO

Contrariando expectativas de que as primeiras décadas do século XXI seriam um tempo de expansão do tempo vivido,

os anos 2020 apontam dúvidas com relação ao futuro da velhice. Este estudo mostrou que a pandemia acarretou redução na expectativa de vida ao nascer e aos 60 anos, para homens para mulheres. De janeiro a 16 de outubro de 2022, foram registrados 50 762 óbitos de sexagenários por COVID-19 não computados nas estimativas citadas supracitadas.⁶

A despeito das perdas, essa população continuará a crescer nos próximos 20 anos, em um ritmo mais acentuado que o restante da população. Com isto, as demandas por políticas públicas se intensificarão, especialmente as relativas à renda, aos cuidados e à saúde. O peso da negação de oportunidades, dos estereótipos e das atitudes negativas com relação aos idosos poderá se acentuar. Portanto, o atendimento dessas demandas é de fundamental importância para que a população idosa

brasileira continue ultrapassando a barreira dos 60 anos nas próximas décadas de uma maneira digna e ativa.

Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Financiamento

Esta pesquisa não recebeu nenhum financiamento específico de agências de fomento nos setores público, comercial ou sem fins lucrativos.

Contribuições dos autores

AAC: administração do projeto; análise formal; conceituação; curadoria de dados; escrita – primeira redação; escrita – revisão e edição; investigação; metodologia; validação; visualização.

REFERÊNCIAS

1. Camarano AA. Perspectivas de crescimento da população brasileira e algumas implicações. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8430>. Acessado em Out 17, 2022.
2. Camarano AA. Dinâmica demográfica e pandemia: como andar a população brasileira? Rio de Janeiro: IPEA; 2022. [in press]
3. Zaba B. Use of the relational Gompertz model in analysing fertility data collected in retrospective surveys. London: University of London; 1981.
4. Hinde A. Demographic methods. London: Routledge; 2014.
5. Observatório Obstétrico BR. Sobre nós. Disponível em: <https://observatorioobstetricobr.org/>. Acessado em Out 17, 2022.
6. Registro Civil. Sobre. Disponível em: <https://registrocivil.org.br/>. Acessado em Out 17, 2022.